

## ESCOLA, IGUALDADE E DESIGUALDADE NA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

Mário Missagia Jr.

Homens novos e um mundo novo, este é o contexto de nascimento da sociologia. A modernidade, enquanto forma nova da vida social, exigiu um novo discurso, um novo conjunto de ferramentas para descrever e operar a realidade. Desta forma tanto Marx quanto Durkheim criaram teorias que explicaram a sociedade moderna ao mesmo passo que construíram uma concepção moderna do que significa a vida social dos homens. Seu pensamento representou um passo além do iluminismo, representou a extensão do esforço racional de conhecer o mundo a outras esferas.

Na presente unidade vamos conhecer um autor que, partindo da leitura de grandes nomes da sociologia, como Marx, Durkheim e Weber, usou seu pensamento para, dentre outros temas, estudar a educação a partir da perspectiva sociológica. Pierre Bourdieu nasceu na França nos anos trinta do século XX, tendo, portanto, diante de si o fim de um ciclo iniciado antes como as revoluções burguesas. Como vimos nas unidades anteriores a reforma protestante, a revolução industrial, as revoluções inglesa e francesa estabeleceram um novo mundo; este mundo tecnicamente exuberante colonizou o planeta literalmente, repartindo o continente africano e ocupando a Ásia. Esta forma social, então nova, reorganizou a vida social em torno do mercado, implementou de diversas formas governos republicanos, inspirados pelo ideal de que todos os homens são iguais diante da lei, o que nos levou a construir sistemas públicos de saúde e instrução.

Bourdieu, tendo nascido em 1930 assistiu o fechamento de um ciclo. Nos anos 50 do século XX, após a segunda guerra mundial, os continentes africanos e asiático começaram a ter êxito em sua luta para se livrar da dominação imposta pelos países europeus. Duas grandes potências, os Estados Unidos da América e a União Soviética, organizadas a partir do discurso liberal e do pensamento marxista, disputavam a hegemonia mundial. Esta disputa, que também era uma disputa de formas de explicar o mundo, representou um contexto mais amplo diante do qual antigas potências agora decadentes como a França de Bourdieu, teriam que repensar seu lugar.

A França, que no século XVIII foi a primeira nação a propor um sistema de ensino laico, gratuito e universal, tem arraigado em si a percepção da escola como forma de

promover a igualdade social. Como nos explica Carlota Boto, no texto onde analisa uma proposta de ensino formulada durante a Revolução Francesa (BOTO, 2003), esta instituição hoje tão comum, a escola, foi inventada como um mecanismo de promoção da igualdade social. Sendo a França do século XVIII herdeira de uma tradição aristocrática, uma sociedade organizada em torno de diferentes classes como papéis e direitos distintos, seria necessário para que todos pudessem ser iguais e livres um mecanismo que garantisse a todos igual acesso aos diferentes postos de trabalho e da administração pública.

Pensando em promover um mundo onde apenas o talento distinguisse os homens, Boto nos conta como foi imaginada na França do XVIII um sistema de instrução pública, uma forma de produzir e distribuir conhecimento igualmente a todos, a fim de que aqueles mais talentosos pudessem naturalmente encontrar o espaço para dar sua contribuição. Uma sala de aula típica foi criada sob este princípio; lá os alunos, independente de sua origem, são dispostos igualmente, recebendo todos a mesma mensagem vinda do professor que se coloca equidistante frente a estes. Em uma avaliação posterior, o conhecimento distribuído será auferido, cada aluno independentemente de quem seja terá a oportunidade de demonstrar o que aprendeu, sendo promovido ao próximo nível de instrução de acordo com seu maior ou menor aproveitamento neste processo.

Certo, todos aprenderam? Podemos então distribuir a avaliação? Todos que aprenderam serão promovidos a próxima disciplina.

Ainda que o ideal seja claro e a escola moderna seja uma instituição cuja invenção é marcada pelo compromisso com a promoção da igualdade social, a forma como as relações sociais foram dispostas nesta instituição podem ser usadas para transformar ou conservar as diferenças entre os homens.

Voltemos a nossa breve avaliação. O conhecimento que aqui abordamos foi igualmente dito a todos, em nossa prova faremos perguntas sobre ele e aqueles alunos que têm mais talento para sociologia, responderão melhor, sendo aprovados ao próximo nível. Certo? Nem tanto. A capacidade de um aluno de entender o conteúdo aqui explicado, por exemplo, não varia apenas em razão de seu talento, mas também do quanto as referências que localizam este conhecimento no tempo e no espaço lhe são familiares. Nesta aula falamos sobre a França, por exemplo, você sabe onde a França

está situada no mapa? Falamos da revolução francesa, no século XVIII, você já havia estudado antes este assunto? Você já teve a chance de ir à França, tem alguma imagem na cabeça quando pensa em Paris?

Mas não se trata apenas de se ter maior ou menor familiaridade com os conhecimentos que contextualizam os conteúdos que pretendemos aprender, passa também pela relação e as experiências que temos com este contexto. Imagine um aluno que tenha começado a trabalhar aos doze anos de idade e que tenha concluído seu ensino médio em um curso supletivo. Agora imagine o filho de um professor que tenha estudado toda a vida na escola onde o pai trabalha. Será que ambos entenderem o conteúdo que expomos do mesmo modo? Certamente ambos podem o entender, mas como suas experiências com a escola são muito diferentes certamente a forma como estes entendem não será a mesma.

O que é a escola para o filho do professor? É algo que, em alguma medida, se confunde com sua relação com seu pai, é uma memória íntima, um espaço familiar. Provas e outras formas de avaliação são experiências corriqueiras; o professor que as corrige é como seu próprio pai. Aliás, se este aluno precisar de alguma ajuda em sua vida escolar, certamente poderá contar com o apoio de uma pessoa que passou a vida neste mesmo contexto, que provavelmente o entende bem.

Do outro lado imaginemos agora o aluno que, tendo começado a trabalhar muito jovem, pode estudar apenas depois de mais velho, em um curso supletivo. Este aluno não aprende a falar na escola, ele chega à escola falando as palavras de seu trabalho. Será que ele entenderá os professores da mesma forma que o aluno que aprendeu a falar rodeado de pessoas que vivem a escola como um trabalho? Este aluno se comporta na escola a partir das referências de seu trabalho. Caso este aluno tenha dificuldades em sua vida escolar, quem em sua casa poderá ajudá-lo a compreender o que fazer?

Bourdieu nos mostra que se atribuirmos o sucesso ou o fracasso na prova ao talento individual de cada um destes alunos hipotéticos, certamente estaremos tratando por talento muitas outras questões as quais não passam apenas pela maior ou menor vocação dos alunos, mas sim como seu maior ou menor grau de familiaridade com o sistema escolar e com as ferramentas que neste são empregadas.

É justamente neste sentido que o autor abre seu texto (BOURDIEU, 1989)) questionando juntamente o papel de escola como promotora da igualdade. Segundo o

autor seria explicável apenas por alguma forma de costume, de hábito, de "inércia cultural" "continuarmos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social". Para ele "tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social", tendo em vista que ele "fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais" agindo de forma a sancionar, a validar a herança cultural de um segmento da sociedade o tomando por dom natural.

Ou seja, a herança cultural recebida por aquele jovem que cresce junto às pessoas que operam as instituições de nosso mundo, os conhecimentos contextuais, o modo de falar e agir, o confere familiaridade com as formas deste mundo. Esta familiaridade é socialmente percebida como dom, talento, vocação, a qual seria reconhecida e legitimada pelo contexto escolar. Do outro lado, o aluno para o qual o contexto do conhecimento escolar é estranho, para o qual a língua da escola é verdadeiramente uma segunda língua a ser aprendida, dado que sua fala vem de outro contexto, tenderia a ser percebido como menos capaz naturalmente.

Para nos ajudar a perceber estas idéias Bourdieu introduz alguns conceitos úteis, dentre eles devemos destacar "habitus" e "ethos", ou seja, as práticas e as concepções que a operação de um espaço pelas pessoas que dele participam. Que práticas um aluno deve dominar? Como ele age e se porta na sala de aula? Podemos pensar em um aluno do curso EaD de pedagogia, ao chegar na plataforma, entrar na primeira webconferências, será que ele sabia como agir? Ou chegar no ensino superior, será que ele segue se, portanto, como se portava nos colégios? A forma como responde às questões do questionário, é a mesma forma como respondia às perguntas colocadas pelos professores na escola?

Note que em nossa disciplina são feitas indicações de leitura, trechos do texto são apontados, mas a natureza de nossa relação com o conteúdo é bem diferente daquela típica de uma escola. Você está sendo apresentado a ideias que poderá estudar mais ou menos a depender de seu interesse; é esperado que você tenha autonomia de ler o texto e pensar sobre ele. Nossas aulas e exercícios são muito mais provocação, é preciso que você aprenda as práticas envolvidas em ser um aluno de um curso EaD, que você adquira o habitus necessário a este processo.

Mas não só, você deve também compreender a razão de ser desses exercícios, deve saber a quem se destina esta formação, saber que portas ela te abre e fecha no

mercado de trabalho. É esperado que você compreenda o ethos que organiza este contexto, ou seja, os valores, os significados atribuídos aos papéis, práticas, instituições e símbolos de nosso campo.

Para nós, que estudamos pedagogia na modalidade EaD para pensar a educação bilíngue de surdo, o campo é formado pelo espaço estruturado (organizado a partir do ethos) que recebe as pessoas a instituições que nele interagem através de suas formas típicas (a partir do habitus que lhe são próprios).

Vale destacar que estes conceitos (habitus, ethos e campo) são ferramentas necessárias para que o autor descreva um processo sutil: o estabelecimento de "uma relação aristocrática com a cultura" a partir do sistema de ensino. Para Bourdieu as práticas escolares seriam expressão de treinamento e socialização, não do talento; para este autor a distinção entre os alunos seria a expressão da legitimação daqueles que, investidos dos valores do sistema escolar, se confundem com ele, reivindicando para si sua legitimidade. Aqueles que melhor compreendem as escolhas envolvidas neste processo conseguem "escolher seu destino", ou seja, compreender como se estabelecer no campo, da área de atuação ou estudo que lhes interessa.

Concluindo, precisamos alertar que a crítica de Bourdieu ao papel conservador da escola não deve ser empregada para deslegitimar esta instituição tão importante, mas sim para repassá-la. Apontar os limites da forma particular como o mundo ocidental encontrou para organizar o ensino e a aprendizagem não significa ignorar que esta forma tem potencialidades. A presença de um sistema público de ensino foi capaz, pela primeira vez na história, de possibilitar à alguns países (mesmo alguns países pobres) erradicar o analfabetismo. Este curso de pedagogia onde estudamos, para dar um exemplo, é parte de uma política pública bem sucedida que durante 2003 e 2016 ampliou o acesso a pessoas pobres ao ensino superior, antes praticamente acessível apenas a pessoas oriundas das classes médias e altas. Cabe aos pedagogos se servir do conhecimento sociológico para compreender os limites e potencialidades da escola, a fim de reinventar nossas relações de ensino e aprendizagem como parte de nossa busca por um mundo mais justo e fraterno.

REFERÊNCIAS

BOTO, Carlota. Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita: o relatório de Condorcet. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 84, p. 735-762, 2003. disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/dySCfq6TwCvKWBzv48tt6bj/>

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *Edu Rev.*, n. 10, 1989. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n10/n10a03.pdf>